



Museu
de **Lamego**

www.museudelamego.gov.pt



Ephemera

Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira

<https://ephemerajpp.com/>

10 de janeiro

inauguração da exposição

Com a presença de José Pacheco Pereira

Patente até 10 de fevereiro

Sala de exposições temporárias do Museu de Lamego



HORÁRIO DE ABERTURA OPENING TIMES

Segunda-domingo Monday-sunday 10h00-18h00

Encerrado: 1 de janeiro; Domingo de Páscoa; 1 de maio; 8 de setembro (feriado municipal); 25 de dezembro

Closed: 1st January; Easter Sunday; 1st May; 8th September (city day); 25 December

Museu de Lamego

Largo de Camões 5100-147 Lamego PORTUGAL

Tel +351 254 600 230 | mlamego@culturanoorte.gov.pt

www.museudelamego.gov.pt | [f/museu.de.lamego](https://www.facebook.com/museu.de.lamego)

Organização



CULTURA
NORTE



Ephemera
Biblioteca e Arquivo de José Pacheco Pereira

Apoio



EXPOSIÇÃO

“Só existe aquilo
que o público sabe
que existe.” [Salazar]

Documentos originais da

Censura
no Arquivo Ephemera

~~VISADO
pela comissão
de censura~~

A MAIS PODEROSA E DURADOURA INSTITUIÇÃO DO ESTADO NOVO

A Censura, depois chamada de “Exame Prévio”, foi uma instituição fundamental da ditadura do Estado Novo. Durante 48 anos, de 1926 a 25 de Abril de 1974, os portugueses nunca tiveram um dia em que pudessem ler um jornal, revista ou livro, ouvir um programa de rádio, ver um filme ou a televisão, sem que alguém autorizasse o que liam, ouviam, e viam. Apenas a Censura tinha essa liberdade, como Salazar o referiu: “Só uma entidade, por dever e posição, tudo tem de ver à luz do interesse de todos”. E lia, ouvia e via, para nos impedir de ler, ouvir e ver.

O efeito desta longa censura de tudo, que se estendeu durante grande parte do século XX e afectou várias gerações, algumas que nasceram e morreram sem saber o que era a liberdade, moldou muitos aspectos da nossa vida pública, deu aos poderosos o tempo que precisavam para resolver os assuntos incómodos que não podiam deixar de vir a público, e ocultou tudo o que era “inconveniente”. Muitas vezes pensa-se que a censura era apenas do político, mas é um erro. A censura do político nem sequer era o mais importante, havia a censura do social, do cultural, dos costumes, de tudo o que podia subverter o “respeito” pelas autoridades, fossem os árbitros de futebol, o regedor da freguesia, o lavrador rico da Situação, o padre, o Príncipe de Gales, a Santa Madre Igreja, e por fim, o Dr. António de Oliveira Salazar. Era a hierarquia do poder que a Censura protegia mais que tudo, ocultando aquilo que não encaixava no molde da “nação” e perturbasse a ordem, fosse um suicídio (nunca houve tantos acidentes com armas de fogo), um acidente violento, uma fraude, ou um acto de pedofilia. Nos boletins da censura encontra-se um Portugal muito diferente da

imagem que, mesmo na oposição, se tinha, muito mais violento de cima a baixo, muito mais ilegal do que legal, muito mais conflitual do que a pasmaceira que se imaginava existir.

Quem nos protegia disto tudo era a censura e, ao fazê-lo por toda a fábrica da sociedade, deixou-nos uma herança sinistra que ainda hoje ficou colada ao nosso discurso público, pelo medo do confronto, pela ocultação das críticas, substituídas pelos salamaleques, pelo medo das opiniões que dividem e uma adoração pelo “consenso”, pelo desgosto pela “política”, como se a política em democracia fosse uma perversão e não a norma habitual, de homens livres discordarem, seja por interesse, seja por experiência, seja por ideias. Foi isto que a censura quis matar, e a doença que deixou ainda está entre nós. Leiam com atenção os despachos e os boletins da censura, e percebam como a liberdade é uma luta permanente e a censura um instrumento da ditadura.

Os documentos expostos são todos originais e fazem parte do Arquivo Ephemera que tem uma excepcional colecção de censura a livros, jornais, revistas, programas de rádio e filmes. A sua origem é diversa, uma parte foi adquirida, para evitar a sua saída de Portugal para arquivos estrangeiros, outra foi recolhida in extremis de espólios que o encerramento de instalações iria levar para o lixo, outra foi oferecida e fazia parte de espólios e acervos que o Arquivo Ephemera guarda.

[José Pacheco Pereira]